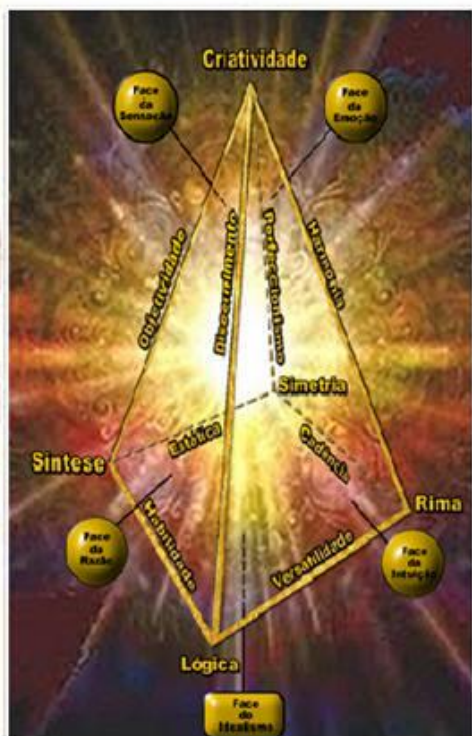


Arcadismo no Alquimismo Em Sonetos

José Arantes Junior



ARCADISMO NO

ALQUIMISMO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PEDRA FILOSOFAL

A) TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

1. PREFÁCIO
2. AMOR DE ILUSÃO
3. EFEITOS DO AMOR (MARÍLIA BELA)
- 4º PODER DO MEU CAJADO
5. A LUZ DO SOL EM VÃO SE ATREVE
6. GRAVAREI TEUS LOUVORES
7. AMOR OU CUPIDO
8. A AMOR TEM DOIS SOIS
9. DESAFOGO AO CANSADO CORAÇÃO
10. A LINDO RETRATO DE CUPIDO
11. O TEU SEMBLANTE DIVINO
12. MARÍLIA, ESCUTA UM TRISTE PASTOR
13. DIRCEU SE ALEGRAVA
14. A COROA DE OURO
15. SÃO ESTES OS SÍTIOS FORMOSOS?
16. UMA CASCATA QUE JAMAIS SECOU
17. A ÍGNEA ESTRELA
18. AS GRAÇAS DO TEU LINDO ROSTO
19. FACES DE JASMIM E ROSAS
20. O ROUBO DE DIRCEU
21. MARÍLIA QUER ISENÇÃO?
22. ORVALHADAS FLORES

B) INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

23. JÔNIA E NISE
24. ALTEIA
25. MENINA DOS OLHOS
26. À MÁRCIA
27. DIA DE VITÓRIA
28. A LUSA MONARQUA
29. MIL ESPADAS NUAS (TRÊS RAINHAS)
30. VULCANO
31. ASSUNTOS DA LIRA
32. AS ÚNICAS LÁSTIMAS
33. ESTROFES
34. LOUVAR PÁTRIOS LARES
35. A PÁTRIA ENVOLVENTE
36. A COROA DE OURO
37. PARDOS E PRETOS OU TINTOS E TOSTADOS

38. FINS RELATIVOS AOS INTENTOS
39. UM PODER SAGRADO
40. DEBAIXO DE ESTUDO PERTINENTE
41. O QUE DEVE SER TRANSMUDADO
42. O PAÍS DA GALHARDIA
43. MARÍLIA (PARTES DO CÉU)
44. BÁRBARA BELA – 1
45. BÁRBARA BELA – 2
46. MINHA ESPOSA BÁRBARA BELA
47. À FILHA MARIA EFIGÊNIA
48. UM SONHO NA SESTA – I
49. UM SONHO NA SESTA – II
50. UM SONHO NA SESTA - III

C) CLÁUDIO MANOEL DA COSTA

51. FORTES ROCHEDOS ABALADOS
52. OH, PÁTRIO RIO
53. A FORMOSURA QUE EU ADORO
54. CHORO PERJUROS
55. SOU POBRE PASTOR
56. A CRUEL SAUDADE
57. ESTE SÍTIO EU DESCONHEÇO
58. A MESMA RÚSTICA FLORESTA
59. MINHA FORMOSA DALIANA
60. FORMOSA É A DALIANA
61. O BERÇO EM QUE NASCI
62. NESTA ARDENTE ESTAÇÃO
63. NISE? NISE? ONDE ESTÁS?
64. O BEM DO RICO E O BEM DO POBRE
65. ASPECTO E VOZ DE PEREGRINO
66. OH, GENTIL PASTORA
67. NO SILÊNCIO DA NOITE
68. SÓ ME LEMBRO DE NISE
69. O MEU DESTINO
70. TÃO DESCUIDADO
71. SONORA CORRENTE
72. QUANTO MAIS RICO MAIS POBRE
73. FERRE MEU PEITO
74. TOCAR TODO O CAMINHANTE
75. INSPIRA A IMAGINAÇÃO
76. SENTIDÍSSIMOS GEMIDOS
77. MÍSERIA LEMBRANÇA
78. CONSTANTE PELA BRANDURA
79. DIVIDIDO DE TEUS OLHOS
80. UMA BRILHANTE ARQUITETURA
81. QUE ESPERANÇA ME ASSEGURA!
82. A ESPERANÇA ERRANTE
83. ENCANTOS DA BELEZA
84. MINHA MAIS SINCERA FÉ

INTRODUÇÃO

O Arcadismo traduziu o movimento poético típico da Inconfidência mineira e aqui eu vou ressaltar três dos principais árcades do movimento, quais sejam: Tomás Antônio Gonzaga, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa.

Eles representavam três advogados que trouxeram todo o cabedal de cultura da Europa, das terras de Portugal; mas se por um lado desenvolveram a cultura adquirida na Europa ao chegarem aqui no Brasil desenvolveram naturalmente um patriotismo integralmente próprio das terras do novo mundo, caracteristicamente brasileiro, nascido nas terras de Minas Gerais.

Passaram, então, a elaborar uma poesia que, se por um lado mostrava bem os valores aprendidos na Europa como o apreço à mitologia grega, por outro lado o faziam em prol dos valores que eram encontrados naturalmente aqui no Brasil, valorizando os homens pardos e negros ou tintos e tostados, como descreve Inácio José de Alvarenga Peixoto em sua obra poética.

O movimento da Inconfidência mineira simbolizou a semente do nacionalismo brasileiro, semente que, fiel à própria ideologia de germinação, teve de se rasgar em dor para dar origem ao broto em desenvolvimento para a atual árvore da cultura brasileira. Esta árvore de cultura hoje já se expressa como uma árvore frondosa com seus frutos diferenciados em vários ramos do desenvolvimento humano que não esquecem o valor e o sacrifício da semente original representada por estes idealistas.

Quem observa a beleza e a força da árvore com os seus frutos dadivosos em floração, normalmente até esquece dos dramas e percalços pelos quais a semente teve que passar para que a árvore pudesse agora existir, mas por mais esquecida que a semente seja, ela sempre continuará sendo a base que deu a origem de formação às raízes que deram a sustentação para toda a árvore em si.

Por tudo o que aqui foi exposto, temos um especial respeito pelos inconfidentes mineiros e pelo movi-

mento poético do Arcadismo e, por isso mesmo, inicialmente ficamos apreensivos com relação à possibilidade de vestir a poesia deste movimento poético tão importante com a roupa poética característica do Alquimismo.

O que nos deixa um pouco à vontade diante desta ousadia literária é o fato de simplesmente quisermos homenagear os nossos poetas pioneiros, para mostrar que o Arcadismo pode continuar com os seus valores seculares reconhecidos e pode também vestir a roupa, principalmente com o formato de sonetos, do movimento do Alquimismo.

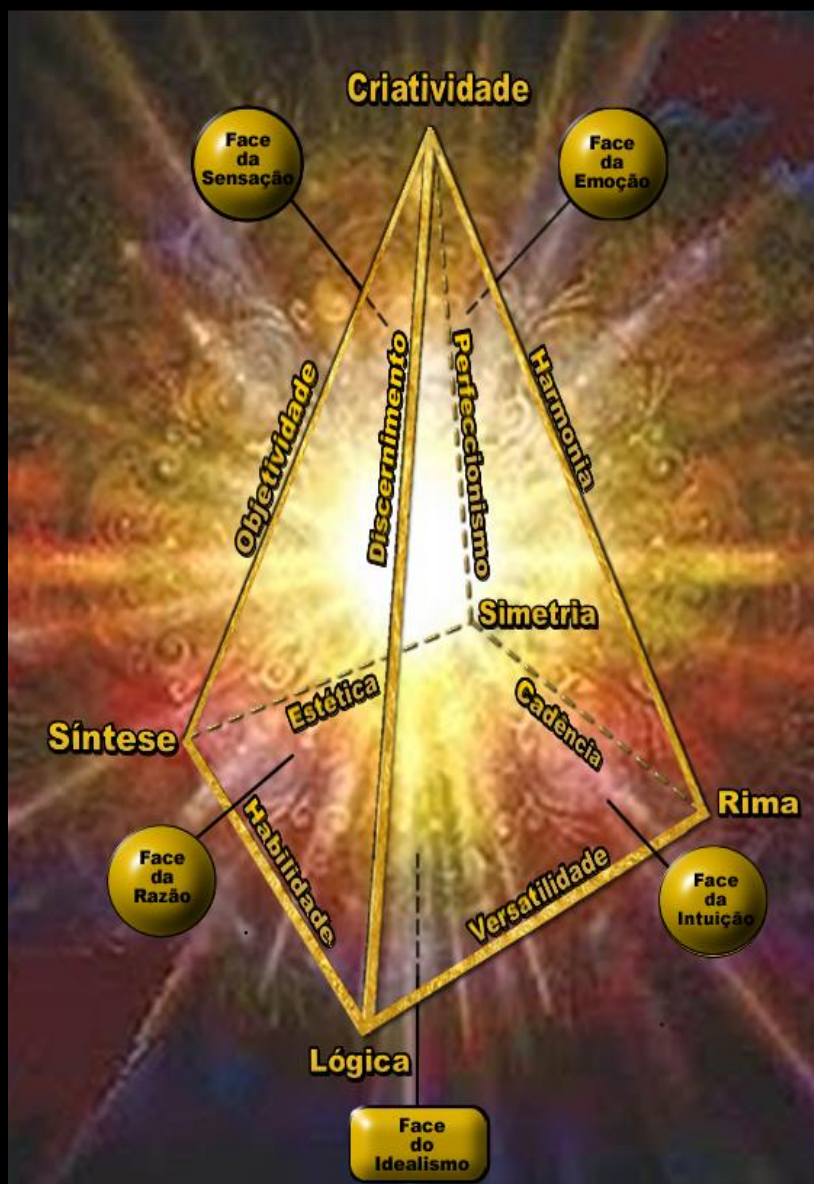
Jamais pensaríamos em descaracterizar um movimento poético como o do Arcadismo que ao nosso ver chega a ser sagrado para a cultura brasileira e, assim como um ser humano, que pode vestir roupas muito diferentes e se apresentar com facetas e estilos bastante diferenciados, acreditamos que também as letras possam se vestir com roupagens para visuais algo diferentes.

A Inconfidência mineira representou um ideal castrado, mas ao invés de traduzir uma perda ou uma frustração de princípios, paradoxalmente a semente fez o seu papel de fomentar o cultivo de outros ideais que se desenvolveram amplamente em todo o país.

Ao colocarmos o Arcadismo com a roupagem típica do Alquimismo julgamos estar fazendo uma homenagem aos árcades poetas, apenas para mostrar que eles poderiam se expressar com esse tipo de roupa própria do Alquimismo. Ao fazermos esse tipo de homenagem nem de longe gostaríamos de ficar com a denominação de herege que mexeu em alguma coisa sagrada que não poderia ser transformada sob nenhum pretexto.

Nós somos admiradores da Inconfidência mineira, de Tiradentes, do Aleijadinho, dos poetas do Arcadismo e do ideal que este movimento deixou no formato de inspiração para todo para o Brasil, portanto ao fazermos esta homenagem aos árcades colocando o Arcadismo com a roupagem do Alquimismo gostaríamos que nos poupassem da denominação de heresia, pois simplesmente gostaríamos de ver, quem admiramos, com a opção de uma roupa nova.

José Arantes Junior



Esclarecimentos sobre a Pedra Filosofal

A Poesia da Alquimia é o estilo de poesia que se obtém com a Pedra Filosofal aqui representada e compõe o movimento poético que denominamos de Alquimismo, e o poeta que cria esse tipo de poesia é chamado de Alquimista.

É do conhecimento geral que os antigos alquimistas dedicavam as suas vidas à procura da Pedra Filosofal para, com ela, transformar o chumbo em ouro, mas todos sabem que essa pedra jamais foi encontrada.

Eu, aqui, transferi essa procura secular da Pedra Filosofal para o mundo virtual das ideias que movem as palavras para, com ela, poder transformar o chumbo (sem atrativos muito interessantes) de um texto comum, para o ouro filosofal poético, com todos os atrativos que uma poesia bem elaborada pode despertar no leitor.

A poesia aqui apresentada passa a ter os referenciais próprios da Pedra Filosofal, assim, a Criatividade que está representada no ápice da pedra será desenvolvida com Lógica, Síntese, Rima e Simetria, sendo, estes, os outros vértices que complementam e definem a pedra em questão. Desta maneira, a poesia passa a ser desenvolvida com a lógica dentro do assunto específico, de modo sintético sem prejuízo da coerência, com a rima que toca a emoção e com a simetria que enaltece a sensibilidade, fazendo com que uma frase termine perfilada com a anterior, exatamente por ter o mesmo número de caracteres.

Cinco vértices distribuídos numa pirâmide necessitam de oito vínculos ou ligamentos para que se obtenha um elo entre cada par de vértices na pedra, assim, cada um dos vínculos: Discernimento, Objetividade, Harmonia, Perfeccionismo, Habilidade, Versatilidade, Cadência e Estética dará a sua contribuição referente à sua própria qualidade para que a Pedra Filosofal possa conduzir o texto para o estilo do ouro filosofal poético.

A junção dos cinco vértices com os oito vínculos, faz com que apareçam cinco faces ou planos bem

delimitados na Pedra Filosofal, quatro faces de formato triangular e uma com a forma de um quadrado.

A Face da Razão é triangular e limitada pelos vértices da Criatividade, da Lógica e da Síntese e pelos vínculos do Discernimento, da Objetividade e da Habilidade.

A Face da Emoção é triangular e criada pelos vértices da Criatividade, da Rima e da Simetria e pelos vínculos da Harmonia, do Perfeccionismo e da Cadência.

A Face da Intuição é triangular e é delimitada pelos vértices da Criatividade, da Lógica e da Rima e pelos vínculos do Discernimento, da Harmonia e da Versatilidade.

A Face da Sensação é triangular e é definida por vértices da Criatividade, da Síntese e da Simetria e pelos vínculos da Objetividade, do Perfeccionismo e da Estética.

A Face do Idealismo é quadrangular e gerada pelos vértices da Lógica, da Síntese, da Rima, da Simetria e pelos vínculos da Habilidade, da Versatilidade, da Cadência e da Estética, formando a base da Pirâmide Filosofal.

Através da interação destes valores existentes nos vértices, vínculos e faces da Pedra Filosofal, vão se transformando os diferentes textos e trazendo-os para as características da poesia filosofal poética.

Assim, surge uma nova opção de didática onde é possível estudar quaisquer assuntos com esta arte poética, tais como: medicina, física, química, biologia, história, astronomia, filosofia, religião e tantos outros a mais, embora para muitos estudiosos seja uma verdadeira heresia tentar estudar qualquer assunto em poesia.

No presente livro “Alquimia Literária” cada um destes itens da Pedra Filosofal é explicado com um soneto próprio, num total de vinte e dois sonetos de esclarecimentos.

José Arantes Junior

ARCADISMO NO

ALQUIMISMO



**TOMÁS
ANTÔNIO
GONZAGA**

1. PREFÁCIO

Eu me enganei, me enganei, paciência,
e acreditei em tuas vozes, cri Ormia,
que tua ímpar singeleza se igualaria
à tua magnífica e angélica aparência,

eu me enganei, me enganei, paciência,
pelo menos entendi que nunca deveria
por nas mãos de uma eterna galhardia
o prazer, a paz e também a inocência,

enganei-me muito com o seu semblante
mas não me admiro por ser encenadora
pois o teu sexo jamais foi constante,

perdeste mãos com a farsa enganadora
pois não conquistarás um fiel amante
e eu posso ter milhares de traidoras.

2. AMOR DE ILUSÃO

Mesmo a lavra de minha amada ausente
seu lume há de durar no peito amante,
pois fica retratando o seu semblante
se não em meus olhos, em minha mente,

mil vezes acredito vê-la e novamente
toco a sombra vã e só nesse instante
reconheço que ela está mais distante
e que tudo é ilusão que a alma sente,

talvez este meu benigno amor resista
porque a devoção, que ao céu é grata,
seja ingênua e assim melhor persista,

porque quando só na ideia me retrata
tira os dotes com que prende a vista
e ainda oculta as ofensas da ingrata.

3. EFEITOS DO AMOR (MARÍLIA BELA)

Não sei, Marília, o que tenho vivido,
depois que eu visualizei o teu rosto,
pois se não é Marília em teu vestido
eu já não posso contemplar com gosto,

Marília, noutra idade eu me alegrava
de modo mais espontâneo e costumeiro,
quando eu me entretinha e conversava
até com o mais rústico dos vaqueiros,

hoje, oh bela, é muito constrangedor,
mesmo diálogos no mais nobre recinto,
com o mais educado e discreto pastor,

que efeitos serão estes que eu sinto?
Serão os efeitos específicos do amor?
ou serão aços do bem que pressinto?

4. O PODER DO MEU CAJADO

Eu, Marília, não sou nenhum vaqueiro
que sobreviva de guardar alheio gado,
de tosco trato, com o modo grosseiro
dos frios gelos ou dos sóis queimado,

tenho próprio o casal e nele assisto,
dá-me vinho, legumes, frutas, azeite,
das brancas ovelhinhas, tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.

eu já notei meu semblante numa fonte,
e os Pastores que habitam este monte
respeitam o real poder do meu cajado.

com muita destreza toco a sanfoninha,
assim, até o Alceste me tem invejado,
nem canto letra que não seja a minha.

5. A LUZ DO SOL EM VÃO SE ATREVE

Mas tendo tantos dotes desta ventura,
que, gentil Pastora, vejo nesta hora
e depois que o teu afeto me assegura
que queres do que tenho, ser senhora,

é bom, minha Marília, é bom ser dono
de rebanho que cubra montes e prados,
mas, gentil Pastora, só o teu agrado
vale mais que gado e mais que tronos,

e teus olhos espalham uma luz divina
como papoula ou rosa delicada e fina
para cobrir as faces com cor de neve,

os teus cabelos são uns fios de ouro
a quem a luz do sol em vão se atreve,
para a glória de amor, igual tesouro.

6. GRAVAREI OS TEUS LOUVORES

Leve-me só a sementeira muito embora
o rio sobre os tais campos levantado
acabe, acabe com esta peste matadora
sem deixar uma só rês, ao nédio gado,

já destes bens, Marília, não preciso
nem me cega a fé que o mundo arrasta
para viver tão feliz, Marília, basta
que os olhos movas e me does um riso,

sustentada, Marília, só no meu braço,
eu toucarei teus cabelos com boninas
para dormir leve sono, em teu regaço,

enquanto, a luta, travam os pastores
e emparelhados correm pelas campinas,
em troncos gravarei os teus louvores.

7. AMOR OU CUPIDO

Pintam, Marília, a um menino vendado,
aljava de setas e arco armado na mão,
asas nos ombros o tenro corpo pelado,
Amor ou Cupido são nomes que lhe dão,

nego que assim seja o Amor, pois ele
nem é cego, nem setas e nem asas tem
um retrato perfeito, irei formar-lhe,
feriu meu peito, por isso o vejo bem,

seus cabelos sobre as costas ondeiam,
que os de Apolo mais belos delineiam,
todavia, de loura cor, é que não são,

a cor é negra, com o branco do rosto
fazem, Marília, um paradoxo composto
da mais interessante e formosa união.

8. O AMOR TEM DOIS SOIS

Há, na testa, sobancelhas arqueadas
e seus olhos são dois sois, e depois
Amor vence o céu de forma comprovada:
o Céu tem um sol, já o Amor tem dois,

na sua face, Marília, são misturadas
folhas de rosa e as folhas de jasmim,
de raros rubis, a sua boca é formada,
os seus dentes são pedaços de marfim,

mal eu observei o seu rosto perfeito
dei um suspiro e ele soube ter feito
um verdadeiro estrago em meu coração,

quando via seus olhos, eu não olhava,
e vendo o que via eu somente baixava,
minha tão modesta vista, para o chão.

9. DESAFOGO AO CANSADO CORAÇÃO

Chamei o Amor Cupido num dia formoso
e ele ficou ouvindo os seus louvores,
sorriu e se virou de modo desdenhoso,
não falou sobre seus íntimos valores,

pintei-lhe outra vez o íntimo estado
em que estava esta frágil alma posta,
ele constrangeu-se de modo suspirado
mas não me deu também a sua resposta,

conheço os sinais com real confiança,
logo, animado de inusitada esperança,
busco um desafogo ao cansado coração,

pego nos dedos para dar-lhe um beijo,
entretanto já cobriu-se todo de pejo,
e fugiu-me com a sua dissimulada mão.

10. O LINDO RETRATO DE CUPIDO

Assim tu, Marília, agora estás vendo
do Amor ou do Cupido o lindo retrato,
pois, contigo, Cupido estará dizendo
que este belo retrato é teu, de fato,

sim, Marília, esta cópia é tua mesmo,
pois Cupido é apenas um deus suposto,
foi ele quem me venceu, quase a esmo,
mas, se há Cupido, é só em teu rosto,

e não se podem livrar humanos peitos,
aos grilhões do Amor, estão sujeitos,
até mesmo os personagens mais brutos,

e quem, Marília, despreza uma beleza
e a lei que lhe ditou a mãe natureza,
à luz da razão, precisa de atributos.

11. O TEU SEMBLANTE DIVINO

Cupido entrou no Céu e o grande Jove,
uma vez, se mudou numa chuva de ouro,
outras vezes ali mostrou que se move
como general de Tebas, velha e touro,

e o próprio deus da guerra, desumano,
não viveu o sentimento de amor ileso,
pois ele desejou a Vênus e foi preso
na rede que lhe armou o deus Vulcano.

Qual é a minha glória pois eu igualo
o mesmo amor de um Jove neste regalo
pois que é pai dos deuses e soberano!

Amou um deus, um semblante peregrino,
pois eu adoro o teu semblante divino,
o teu divino rosto, porém sou humano!

12. MARÍLIA, ESCUTA UM TRISTE PASTOR

Marília, teus olhos, réus e culpados,
que sofra ou beije os ferros pesados
de deveras injusto e até rude senhor,
ah, Marília, escuta um triste pastor,

mal vi teu rosto e o sangue gelou-se,
a língua prendeu-se, tremi, mudou-se
da coloração das faces, a típica cor,
ah, Marília, escuta um triste pastor,

a vista furtiva e um riso imperfeito
fizeram a chaga que abriste no peito
ah, Marília, escuta um triste pastor,

desejei servir-te, e levava teu gado
à fonte bem clara, à vargem ou prado,
ah, Marília, escuta um triste pastor.

13. DIRCEU SE ALEGRAVA

Se vinha da herdade trazia em ninhos
umas aves nascidas abrindo biquinhos
de demasiada fome ou também de temor,
ah, Marília, escuta um triste pastor,

se um te louvava, de gosto me enchia,
mas sempre um ciúme no rosto acendia
com um exuberante e muito vivo calor,
ah, Marília, escuta um triste pastor,

se estavas feliz, Dirceu se alegrava,
se estavas sentida, Dirceu suspirava
pela força daquela incontrolável dor,

e falando com a Laura, Marília dizia:
o erro do amor parece que o conhecia,
ah, Marília, escuta um triste pastor.

14. O FADO TIRANO

Movida, Marília, já de tanta ternura
nestes braços me deste a tua fé pura,
como inesquecível e mais doce penhor,
ah, Marília, escuta um triste pastor,

tu mesma me disseste, que tudo podia
até mudar de figura, mas nunca seria
o teu íntimo peito, um peito traidor,
ah, Marília, escuta um triste pastor,

tu já te mudaste, e a olaia frondosa
onde escreveste a tua jura horrorosa
cresce na terra com todo o seu vigor,

mas eu te desculpo que o fado tirano
leva a deixar-me pois busca meu dano,
ah, Marília, escuta um triste pastor.

15. SÃO ESTES OS SÍTIOS FORMOSOS?

E acaso são estes os sítios formosos
onde sempre passava os anos gostosos?
E são estes os prados, onde brincara
o manso rebanho que Alceu me deixara?

São sítios? São, mas o mesmo não sou,
Marília, tu chamas? Espera eu já vou,
e daquele penhasco um calmo rio caía
ao som do sussurro, que vezes dormia,

agora não cobrem nem espumas nevadas
parece só um rio de pedras quebradas,
são sítios? São, mas o mesmo não sou,

os meus versos, alegre, aqui repetia,
o eco das palavras, três vezes dizia:
Marília, tu chamas? Espera eu já vou.

16. UMA CASCATA QUE JAMAIS SECOU

Se chamo por ele, já não me responde
cansado, parece que mesmo se esconde
e não me responde os ais que lhe dou,
são sítios? São, mas o mesmo não sou,

aqui um regato corria deveras sereno
por margens cheias de flores ou feno,
à esquerda, se via um bosque fechado,
mas nada respeitava, o tempo apressado,

mas como agora discorro? Acaso podia
mudar-se tudo no espaço de um só dia?
Marília, tu chamas? Espera eu já vou,

Há as fontes e há os freixos copados,
ainda dão virtuosas flores os prados,
e corre uma cascata que jamais secou.

17. A ÍGNEA ESTRELA

Oh! Como pode em nós a ígnea estrela!
que diferentes, são os gênios nossos!
que solta a branca vela para movê-la,
e afronta sobre pinho, mares grossos,

qual cinge com a malha, o peito duro,
e ora marchando na frente de coortes,
faz qualquer torre voar, cair o muro
para descartar uma intrometida sorte.

o sórdido avarento em vão se defende
do filho, que sonha com a nova roupa,
e entrar, no tesouro, agora pretende;

sacode o jogador do copo, seus dados,
ali numa noite só, que ao sono rouba,
perde todos os bens, do pai herdados.

18. AS GRAÇAS DO TEU LINDO ROSTO

O que, da voraz gula, um vício adora,
numa lauta mesa os seus prazeres fia,
mas o terno cavalheiro Alceste chora
ao som de rimas a que o gênio o guia,

o sábio Galileu, toma o seu compasso,
e sem voar até o céu, calcula e mede
das estrelas ou sol, o imenso espaço,
e assim nem o limite humano o impede,

sim, enquanto pois, Marília, a gente
se deixa conduzir pelo próprio gosto
notando as graças do teu lindo rosto,

passo as minhas horas muito contente
sem cansar-me a ver se o sol se move
ou até onde vai a mão do grande Jove.

19. FACES DE JASMIM E ROSAS

Gentil Marília, noto os teus cabelos
e noto tuas faces de jasmims e rosas,
noto os teus olhos de belos desvelos
os brancos dentes, e feições mimosas,

e quem fez obra tão perfeita e linda,
minha Marília, claro que também pode
fazer céus e mais e se há mais ainda,
enquanto só redijo uns poemas e odes,

eu vou retratar Marília, meus amores,
porém como? Se não há as finas cores,
e nem a terra arada pode mais me dar,

ah socorre, e deixa o empenho ao léu
voa alto e traze-me as tintas do céu,
ah socorre, para que eu possa pintar.

20. O ROUBO DE DIRCEU

Oh, Marília, de que te queixas agora,
de que te roube Dirceu o teu coração?
Que te deu também o seu muito embora
primeiro não lhe lançaste um grilhão?

E em torno de diversas pombas castas
não arrulham alguns ternos pombinhos?
E quando uma condição já se desgasta
não se ajustam com os seus biquinhos?

Já viste avezinha sem ninho no verão?
não cantam até no pouso em que estão?
Amam e Marília não seria uma ausente!

Se os peixes surgem nos mares e rios,
por efeito mesmo de um afável feitio,
também amam os felinos ou a serpente.

21. MARÍLIA QUER ISENÇÃO?

As deusas do céu, sentem seta tirana
com amorosa inclinação por ser Diana,
com o amor de um Endimião se suspira,
só Marília, desta natureza se retira?

Desiste Marília, da mágoa sustentada,
só nesta altivez a chama é inspirada,
pois nela se traça nossa conservação,
todos amam e só Marília quer isenção?

Cativo, mas não me venceu mão armada,
Se há uma alma, sobre todas elevadas,
não cede à força a não ser a do amor,

arrastem pois os outros muito embora
hajam nas bigornas trabalhadas agora
uns pesados martelos de humano valor.

22. ORVALHADAS FLORES

Tenho as minhas mãos atadas ao carro
com duros ferros não, em fios d'ouro,
que são os cabelos onde eu me agarro
porque eles são o meu melhor tesouro,

oculto-me em teus meigos olhos vivos,
Cupido em tudo faz uma tirana guerra,
sacode a seta ardente de modo altivo
e sendo despedida, ainda cá da terra,

rompe as nuvens, chega até o Empíreo
e ainda quente, para que se admire-o,
para que se vejam românticos valores:

As abelhas nas suas asas suspendidas
tiram, Marília, essências escolhidas
de suas matinais e orvalhadas flores.



**INÁCIO JOSÉ DE
ALVARENGA
PEIXOTO**

23. JÔNIA E NISE

Eu vi a tão linda Jônia e, enamorado,
fiz meu voto de querê-la eternamente
porém depois vi Nise que, igualmente,
também merece o meu especial cuidado,

qual delas quererei se, nesse estado,
não poderei diferenciar esta daquela?
Se Nise viver agora morrerei por ela,
se Jônia vier aqui, viverei abrasado,

todavia esta me despreza como amante
pois sabe que estou em outros braços,
aquela não quer, por ser inconstante,

venha cupido, libertar-me dois laços:
ou faz, destes dois, um só semblante,
ou divide meu peito, em dois pedaços!

24. ALTEIA

Não falhes, coração, pois na empresa
um altaneiro brio deve ser dominador,
não sigas o mando de um ingrato amor
quando já não podes amar sem baixeza,

rompa-se este laço, que é a fraqueza,
a ceder ao amor, deslustrando o brio,
é preferível cortá-lo em vários fios
por honra, por valor e por fortaleza,

foges de ver a Alteia mas se a vires
para que não venhas de novo a amá-la
apaga o fogo, assim que pressentires,

e se ainda assim o teu teor se abala
não demonstres na face, não suspires,
altaneiro geme, sofre, morre, estala!

25. MENINA DOS OLHOS

De raras açucenas e rosas misturadas
não se adornam as vossas faces belas,
nem as formosas tranças são daquelas
que, em raios de sol, foram forjadas,

as meninas dos olhos muito delicadas
não mostram brilho da cor, ao vê-las,
porém, o autor soberano das estrelas,
nenhuma elaborou, a elas equiparadas,

a cara Jônia, as açucenas e as rosas
a cor dos olhos e as tranças de ouro
podem lembrar mil ninfas melindrosas,

porém quanto é obsoleto este tesouro
vós, sobre a sorte toda das formosas,
sempre ostentais, na fronte, o louro.

26. À MÁRCIA

Chegai ninfas, chegai agora pastores,
ainda que as graças escondam a Jônia
Márcia libera as estrelas em insônia
ao pôr, nas colinas, os resplendores,

debaixo de seus pés brotam as flores,
com cores brancas, azuis ou amarelas,
que, por típicas mãos, ornam capelas
tornando invejosa a deusa dos amores,

despe a serra os rigores da aspereza
algumas aves, que choravam até agora,
acompanhando a boa Jônia na tristeza,

agora todas, ao raiar da nona aurora,
cantam seus hinos em honra da beleza
de Márcia, pastora que não se demora.

27. DIA DE VITÓRIA

Do mundo, o sol esconde resplendores
e a mão da noite embrulha horizontes,
não cantam aves, não murmuram fontes
e não fala Pã pela boca dos pastores,

atam ninfas em festivais de horrores
em vez das flores, ramos nas frontes,
erram chorando nos desérticos montes
sem arcos, sem aljavas, estes amores,

Vênus, Palas e até filhas da memória
deixando os altos templos esquecidos
não se lembram do dom, nem da glória,

os elementos andam todos confundidos,
há, Jônia, enfim é um dia de vitória,
sempre o triste foi para os vencidos.

28. A LUSA MONARQUIA

Honrados passados dos maiores nossos
que estenderam mais a lusa monarquia,
do tórrido equador até a região fria,
por incultos sertões e mares grossos,

eu sai para ver os sucessores vossos
vestidos de gala e também de alegria,
em raros prazeres do mais fausto dia
dando ação nova aos carcomidos ossos,

lá vem Afonso, sua testa se erguendo,
a ver carvalho, em cujos bons braços
crescem netos que lhe estão nascendo,

e o suspirado Almeida rompe os laços
da morte pelo seu neto e o vai vendo
seguir, perto do carvalho, os passos.

29. MIL ESPADAS NUAS (TRÊS RAINHAS)

Tereza expõe as acerbas mágoas cruas
e à sua briosa nação, de furor tinta
faz agora arrancar da generosa cinta
um reflexo ígneo de mil espadas nuas,

arrasta aqui e pisa as otomanas luas
e por mais que netuno ainda consinta
a heroína do norte faz com que sinta
um peso de mar Egeu nas quilhas suas,

nomes no áureo templo da fama ajunta
e pintar seus estragos não se atreve
ao Danúbio, ao mar Negro se pergunta,

Lusitânia, aos céus, muito mais deve:
tal que a rege como povos d'amatunta
freio de rosas posto em mãos de neve.

30. VULCANO

De meio corpo, nu, sobre uma bigorna
malha suas limalhas, imortal vulcano,
que hão de aclarar no derradeiro ano
o nome de um herói que o país adorna,

Suntuoso passeio que em parte a orna
um vistoso cais que margeia o oceano
e, na praça, colosso, altivo e ufano
as águas frescas, pelo povo, entorna,

estas, nobre senhor, memórias vossas
que permanecem na cidade eternizadas
também o ficam pelas memórias nossas,

e as línguas, por vulcano temperadas
hão de ficar em duras pedras grossas
com vosso nome em letras respeitadas.

31. ASSUNTOS DA LIRA

A mão do Nemeu que sepulta com garra,
os duros como aqueles seres de pedra
aborda tópicos da lira e nunca medra
como invejosa, dos cisnes, a cigarra,

onde a ira do vento e do mar esbarra
sem chammas de rubi e facetas destras,
e por mim, ficarás imortal, oh pedra
demonstrando ao longe no rio a barra,

abrasado entre as chispas na bigorna
malha o vulcano, e do trifauce perro
Brontes, a estígia, lançando entorna,

castro em metal, como ouro, ou ferro
por mão de um deus tua frente adorna
durarás mais do que o serás do cerro.

32. AS ÚNICAS LÁSTIMAS

Eu não lastimo mais o próximo perigo
ou uma prisão fria, estreita e forte,
lastimo os jovens filhos, a consorte,
ou a perda inconformável de um amigo,

a prisão não lastimo, outra vez digo
nem mesmo ver iminente em duro corte,
pois também é ventura sentir a morte
quando a vida só representa castigos,

ah, quem bem depressa de acabar vira
este conto, este sonho, esta quimera,
que passa por verdade e é só mentira,

se filhos, ou se consorte não tivera
e, deste amigo, as virtudes possuirá
um só momento de vida eu não quisera.

33. ESTROFES

Bárbaros filhos destas brenhas duras
nunca mais recordeis os males vossos,
revolvam-se no horror das sepulturas
dos primeiros avós, seus frios ossos,

pois os heróis de elevadas cataduras
cujo sangue, neste terreno se ensopa,
são os patrícios de gerações futuras
tais como frutos do melhor da Europa,

que venha a semente à terra estranha
quando fecunda, com igual força gera
a fereza e o afã dos filhos degenera,

o que o estio em algumas áreas ganha
em outras vence uma fresca primavera,
gera no sul o que no norte se espera.

34. LOUVAR PÁTRIOS LARES

O forte Rômulo porventura foi romano?

E, Roma, a quem deveu tanta grandeza?

E não foi o grande Henrique Lusitano

quem deu início à vitória portuguesa?

Que importa ainda que José americano

traga a honra de troncos portugueses,

ou se virtuosidades deste ser humano

têm sintonia com um ramo dos Menezes?

Quando algum dia nos permitir o fado

e que o bastão do pai, tenha herdado

presunção imperial para a pendurares,

qual esperais que seja o real agrado

ao louvar estas colinas, emocionados?

Como é bom louvar seus pátrios lares!

35. A PÁTRIA ENVOLVENTE

Isto é o que a Europa barbaria chama
de local das delícias tão diferentes
quão diferente é para quem ainda ama
os ternos laços da pátria envolvente,

um pastor louro, que meu ego inflama
dará novos lances à minha composição,
para nos mostrar como sua boca chama
como a feição pode ter transformação;

aquelas serras, por aparência, feias,
e dirá José: Oh! Quanto são formosas!
ainda conservam potências majestosas!

Elas têm suas ricas entranhas cheias
de prata, de ouro e pedras preciosas
mesmo em regiões embrutecidas e meia.

36. A COROA DE OURO

Aqueles seus matos negros e fechados
que alcançam quase a região dos ares,
são os que, em edifícios respeitados,
repartem até raios por crespos mares,

os coríntios palacetes espetaculares
são obras feitas desses lenhos duros,
assim como templos e Jônicos altares
são os filhos destes sertões escuros,

a coroa de ouro, que na testa brilha,
um centro que se coloca na mão justa
do líder José e da sua heróica filha,

Lisboa, maravilha da Europa renomada,
cuja riqueza, a todo o mundo assusta,
pois novas terras a fazem respeitada.

37. PARDOS E PRETOS OU TINTOS E TOSTADOS

Estes homens de diferentes ocidentes,
pardos e pretos ou tintos e tostados,
são seus escravos rígidos e valentes
aos seus duros trabalhos acostumados,

eles até mudam as correntes dos rios
munidos de forte alavanca e do malho,
e rasgam serras vencendo os desafios
com fortes braços feitos ao trabalho.

Porventura meus senhores, pôde tanto
o tal herói que a antiguidade aclama
só porque aterrou a fera de Erimanto,

e venceu uma hidra com ferro e chama?
ou o macedônico, com furor guerreiro,
que soube subjugar o planeta inteiro?

38. FINS RELATIVOS AOS INTENTOS

Eu só menciono que essa força armada,
debaixo de seus acertados movimentos,
foi sempre uma com a outra disputada
com seus fins relativos aos intentos,

isto tem a ver com a força disparada
contra todo o poder destes elementos,
que bate a forma da esfera delineada
apesar da vida com mais envolvimento,

se o justo e o útil pode tão somente
ser um acertado fim das ações nossas,
quais se empregam mais adequadamente,

as forças destes ou as forças vossas?
Ordenam a destruir a condição humana
buscar o metal que faz a vida insana.

39. UM PODER SAGRADO

São dignos de atenção, eu ia dizendo
a tempo que chegava um velho honrado,
que o povo reverente vem se benzendo
com bom intuito com um poder sagrado,

já o nosso herói, tem em seus braços,
o breve instante em que ficou calado,
com as lágrimas caindo em seu pedaço
e tirou as vozes do peito emocionado:

"filho, assim te chamo, menino amado,
pois também foste por mim regenerado
e a um favor de um Deus que é eterno,

tu deves o nascimento ao pai honrado
e eu, em Cristo, te chamei inspirado
para te aliviar do poder do inferno".

40. DEBAIXO DE ESTUDO PERTINENTE

"Amado menino, torna aos meus braços,
permita o céu que a reinar prossigas,
seguindo, de teu caro pai, os passos
e honrando as tuas paternais fadigas,

não temas encontrar muitos embaraços
onde agora teu destino já se encerra,
caminhando por quaisquer dos espaços
destes matos, rios, montes e serras".

"És valoroso, incansável e diligente
no nobre serviço real, promoveu tudo
tanto em localidades do puro valente,

quanto nos bosques do bruto botocudo
todos sentiram sua mão mais prudente
sempre debaixo de estudo pertinente".

41. O QUE DEVE SER TRANSMUDADO

"Assim confio que o teu destino seja servir à pátria e ampliar teu Estado, zelando pela glória da romana igreja exemplo ilustre de teus pais herdado,

permita o céu que eu veja felizmente quanto espero de ti bem desempenhado, assim, terminarei meus dias contente e meus restos finais serão honrados",

acabou de falar o caro velho honrado, ainda com o senso do verbo inspirado, com as lágrimas, as vozes misturando,

ele ouviu de nosso herói aconselhado tudo aquilo que deve ser transmudado, novos projetos que foram se formando.

42. O PAÍS DA GALHARDIA

Propagar os fatos do Novo Testamento
e aos caros patrícios ir civilizando,
ampliando os tesouros ao mesmo tempo
são desvelos que vão se evidenciando,

o governo feliz quer o reino sagrado
que eu chegue a ver este valioso dia,
em que se nos torne o século dourado
de bons tempos de Rodrigo e de Maria,

o século vivido será sempre lembrado,
pelos dons e pelos teores cultivados,
nos instantes de prazer e de alegria,

até aos tempos em que o José coroado,
de valores completamente consagrados,
pare de governar o país da galhardia.

43. MARÍLIA (PARTES DO CÉU)

Passa-se uma hora e ainda outra hora
em teus cabelos, vejo os dias ao léu,
em teus olhos, eu vejo partes do céu,
onde já amanhece plenamente a aurora,

vendo a boca, onde a bela graça mora,
vendo a face, centro destes desvelos,
vendo o colo, de onde os caros zelos
mesmo que os mandem, não irão embora,

passa-se o tempo e gasta-se uma vida
vida que é curta, pois ligeira corre,
e passa sem que nem seja pressentida,

ah Marília, quem obviamente discorre
sobre perfeições, tem talentosa lida
muito alegre vive e insensível morre.

44. BÁRBARA BELA – 1

Bárbara bela, linda estrela do norte,
representando raro baluarte de sorte,
que ao meu destino sabe sempre guiar
de ti ausente, eu fico só a suspirar,

por entre umas diversificadas penhas
de incultas e de complicadas brenhas,
isto é raro castigo que o amor me dá,
cansa-me minha vista de te buscar lá,

todavia nesta localidade eu não vejo
nada mais do que o meu intimo desejo
de ainda te visualizar do lado de cá,

sempre sem esperança de te encontrar
aqui eu me conformo apenas em sonhar,
isto é duro castigo que o amor me dá.

45. BÁRBARA BELA – 2

Eu bem que queria, de noite e de dia,
sempre contigo, ter a plena harmonia,
entretanto, orgulhosa sofre invejosa
quer me privar desta fortuna valiosa,

tu, entre os seus preceptivos braços,
desfrutando de ternos e bons abraços
de tua boa filha amada do lado de lá
e eu com um castigo que o amor me dá,

priva-me, em duro afã, desta estrela
de tal modo que não posso mais tê-la
nem a ti, nem a ela deste lado de cá,

pela vil circunstância a nos separar
a sina busca duas formas de me matar,
isto é duro castigo que o amor me dá.

46. MINHA ESPOSA BÁRBARA BELA

Minha Bárbara bela, do norte estrela,
que o meu frágil destino sabes guiar,
de ti ausente e triste por não vê-la,
as horas passo longamente a suspirar,

por entre penhas de incultas brenhas,
cansa-me demais a vista de te buscar,
assim não vejo mais o que me empenha
sem mínima esperança de te encontrar,

eu bem que queria, de noite e de dia,
sempre contigo, esposa, poder passar,
mas a sorte invejosa, quer me privar,

abraços da filha, trazes em harmonia,
de ti e dela a estrela vem me privar,
e busca estes dois modos de me matar.

47. À FILHA MARIA EFIGÊNIA

Minha amada filha já é chegado o dia
em que a luz da razão, é tocha acesa,
vem para conduzir a simples natureza:
é hoje que teu mundo ideal principia,

a mão que te gerou, teus passos guia,
despreza as ofertas de uma vã beleza,
sacrifica as tuas honras e a riqueza
às santas virtudes do Filho de Maria,

estampa na tua alma a nobre caridade,
porque amar a Deus e aos semelhantes,
são os eternos predicados da verdade;

tudo o mais são só ideias delirantes;
procura tua felicidade na Eternidade,
o mundo são só brevíssimos instantes.

48. UM SONHO NA SESTA – I

Oh, que sonho tive nesta feliz sesta!
vi o livre pão de açúcar se levantar
e bem ali no meio das ondas em festa
vi uma transformação se internalizar,

vi a figura de um índio muito gentil
se definir no esboço daquele caminho,
representando todo o valoroso Brasil
e usando uma roupa de branco arminho,

as excelentes armas que lhe guardava
era tesouro e tinha uma bolsa aljava
para as setas com pontas de diamante,

hastes de ouro exibiam penas negras
e então o índio ativo e forte chega
para suas ações muito interessantes.

49. UM SONHO NA SESTA – II

O índio exibia penas com belas cores
em sua aparência bastante envolvente,
numa peça feita com bárbaros labores
com folhetas e com pérolas pendentes,

nos cristais, topázios transparentes
e não recamadas peles de aves saíras,
esse índio exibia significativamente
preciosos rubis, diamantes e safiras,

no belo campo de esmeralda escurecia
a valiosa estrela que nos traz o dia
e no cocar; que espanto, que riqueza!

no peito, em letras de raro diamante
o bom nome da augustíssima imperante
e ali vi tudo quanto pode a natureza.

50. UM SONHO NA SESTA - III

Feito com um lindo e inteiriço coral
o índio mostrava um novo instrumento
e enquanto ajustava seu instrumental
o Píndaro americano falava no evento:

"sou um ser vassalo, sou um ser leal,
e, como tal, sou fiel, sou constante,
sirvo diligentemente a grandeza real
sirvo á glória perpétua da imperante,

aos Elíseos infernais ainda descerei
mas fiel ao meu ideal me conservarei
insultando sempre a fortuna desigual,

seguirei insultando o fado e a sorte
e a quem desejar saber o que é morte:
morte não é morte e nem mesmo é mal".



**CLÁUDIO
MANOEL
DA COSTA**

51. FORTES ROCHEDOS ABALADOS

Para cantar de amor, ternos cuidados,
vem de vós, oh montes, o instrumento,
ouvi portanto, o meu fúnebre lamento
se é que de compaixão, sois animados,

já vós vistes, que aos ecos magoados,
do Trácio Orfeu parava o mesmo vento,
da lira de Anfiáo com um doce acento
se viram os fortes rochedos abalados,

bem sei, de outros gênios, o destino
para definir, de Apolo, a verde rama,
lhes intuiu a sua lira, estro divino,

o canto pois que a minha voz derrama
porque ao menos o entoa um peregrino,
e se faz digno de vós também de fama.

52. OH, PÁTRIO RIO

Leia para posteridade oh, pátrio Rio,
em meus versos, o teu nome celebrado,
para que o vejas uma hora despertado
do sono lúgubre do esquecimento frio,

e não vês nas tuas margens o sombrio,
ou fresco assento de um álamo copado,
não vês ninfa cantar e pastar o gado
na tarde clara, do seu calmoso estio,

bem Turvo banhando as pálidas areias
já nas porções do riquíssimo tesouro
a vasta amplidão da ambição recreias,

que, dos seus raios, o planeta louro
enriquecendo o influxo em tuas veias,
quanto em chamas arde, brota em ouro.

53. A FORMOSURA QUE EU ADORO

Pastores, que levais ao monte o gado,
vede lá como andais por essas serras,
que para dar contágio a toda a terra,
é só ver se o meu rosto está magoado,

eu caminho (vós me vedes) tão pesado;
e a pastora infiel que me faz guerra,
é a mesma que pelo semblante encerra
a causa de rude martírio tão cansado,

se a desejais conhecer, vinde comigo,
pois vereis a formosura que eu adoro,
mas não, tanto não sou vosso inimigo,

Deixai, não vejais, eu vo-lo imploro
e se seguir quiserdes, o que eu sigo,
vereis, oh pastores, porque eu choro.

54. CHORO PERJUROS

sou mesmo pastor, não nego, montados
são esses, que aí vês, vivo contente
ao trazer, entre a relva florescente,
a doce companhia de meu querido gado,

ali me escutam uns troncos namorados
em que se transformou a antiga gente,
e qualquer deles o seu estrago sente,
como eu ainda sinto os meus cuidados,

oh, troncos, (lhes digo), que um dia
firmes vos contemplastes por seguros
ali nos braços de uma bela companhia,

consolai-vos comigo oh troncos duros,
que alegre, algum tempo assim me via,
e aos tratos de Amor, choro perjuros.

55. SOU POBRE PASTOR

Se sou pobre pastor e se não governo
reinos, pátrias, províncias e gentes,
se em frio, calma ou chuvas potentes
passo verão, outono, estio e inverno;

nem por isso trocaria o abrigo terno
da choça que vivo, até com enchentes,
dessa grande fortuna, assaz presente
com as paixões desse tormento eterno;

adorar as traições, ou amar o engano
ouvir, dos lastimosos ecos, o gemido,
e passar aflito o dia, o mês e o ano,

seja embora prazer, que a meu ouvido
sempre soa melhor a voz do desengano
que da torpe lisonja, o infame ruído.

56. A CRUEL SAUDADE

leves riachos, quanto estou contente
de ver nos de novo se isto é verdade!
quanto me alegra escutar a suavidade,
com que Fílis entoa sua fala cadente!

os rebanhos, o gado, a mata, a gente,
tudo me está inspirando, em novidade,
oh, como é certo que a cruel saudade
faz tudo, do que fora, mui diferente!

recebei (eu vos peço), um desgraçado
que andou até agora por incerto giro
correndo sempre atrás do seu cuidado,

este pranto, os ais, com que respiro
podendo mesmo comover o vosso agrado,
façam digno de vós, este meu suspiro.

57. ESTE SÍTIO EU DESCONHEÇO

Onde estou? Este sítio eu desconheço!
Quem fez, tão diferente aquele prado?
Tudo, até outra natureza, tem tomado,
e, por contemplá-lo, tímido esmoreço,

uma fonte aqui houve, não me esqueço
de estar, a ela, em um dia reclinado:
ali no vale aquele monte está mudado:
ali o progresso mudou desde o começo!

Árvores, eu aqui vi tão florescentes
que até faziam perpétua, a primavera:
nem os troncos vejo agora decadentes,

eu me engano: a região, esta não era,
Mas que estranhar se estão presentes
os meus males, com que tudo degenera!

58. A MESMA RÚSTICA FLORESTA

Este é o alto rio, a montanha é esta,
estes os troncos e estes os rochedos,
são estes também os mesmos arvoredos
e aqui está a mesma rústica floresta,

tudo cheio de um horror se manifesta
com rio, montanha, troncos e penedos,
que de amor, nos suavíssimos enredos,
foi cena alegre, a urna já é funesta,

oh quão ciente estou de haver subido
aquele monte e, por vezes, abaixando
deixar, de pranto, um vale umedecido,

e tudo me está na memória retratando
que da mesma saudade, o infame ruído
vem, às mortas espécies, despertando.

59. MINHA FORMOSA DALIANA

Pouco importa, minha formosa Daliana,
que fugindo de me ouvir o fuso tomes,
se quanto mais me afliges e consomes,
tanto te adoro mais oh, bela serrana,

ou já fujas do rude abrigo da cabana
ou sobre as altas colinas te assomes,
nós faremos imortais os nossos nomes,
eu por ser firme e tu por ser tirana,

um obséquio, que foi de amor rendido
bem pode ser, oh pastora, desprezado,
entretanto nunca se verá desvanecido,

sim, que para lisonja do meu cuidado
as testemunhas estarão em meu gemido:
este monte, este vale e aquele prado.

60. FORMOSA É A DALIANA

Formosa é a Daliana com o seu cabelo
à testa, sua sobrancelha é peregrina,
mas nada tem a ver com a bela Eulina,
que é todo o meu amor, o meu desvelo,

parece bem escura a neve em paralelo
do que sua branca face onde a bonina
as cores misturou numa cor mais fina,
que faz sobressair em seu rosto belo,

e tanto os seus belos olhos enamoram,
sendo arrebatados, pelo doce encanto,
quantos chegam a ver, todos a adoram,

se falarem que eu a engrandeço tanto
vejam para a desculpa dos que choram,
vejam a Eulina, e suspendam o pranto.

61. O BERÇO EM QUE NASCI

De rústicos penhascos fez a natureza
berço em que nasci: oh! quem cuidara
que entre penhas tão duras se criara
uma alma terna e um peito sem dureza!

amor que vence os tigres por empresa
tomou logo a render-me e ele declara
contra o meu coração guerra tão rara,
pois não me foi bastante a fortaleza.

e por mais que eu conhecesse um dano,
a que daria ocasião à minha brandura,
não poderia fugir a este cego engano,

vós que ostentais condição mais dura,
temei, penhas, temeis um amor tirano,
onde há mais soberbas, mais se apura.

62. NESTA ARDENTE ESTAÇÃO

Deveras fatigado da calma se acolhia
com o rebanho à sombra de salgueiros,
o sol, queimando os ásperos outeiros,
com violência maior, no campo, ardia,

sufocava se o lépido vento que gemia
já entre o verde matiz de soveiros,
tanto ao gado, quanto aos pegureiros,
até desmaiava o calor do intenso dia,

nesta ardente estação de fino amante
dando as mostras Daliso, atravessava
lá o campo todo em busca de Violante.

seu descuido em seu fogo desculpava
que mal feria um sol tão penetrante,
onde maior incêndio a alma abrasava.

63. NISE? NISE? ONDE ESTÁS?

Nise? Nise? Onde estás? Onde espera
encontrar a alma que por ti suspira,
se quanto a vista se dilata ou gira,
tanto mais de se achar te desespera!

Ah se ao menos teu nome ouvir pudera
entre esta aura suave que se respira!
Nise, cuido, que fala, mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia e tal não era.

Grutas, troncos, montes na espessura,
se meu bem, a alma em vós se esconde,
mostrai, mostrai me a rara formosura,

nem ao menos um meio eco me responde!
Ah e como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?

64. O BEM DO RICO E O BEM DO POBRE

Quem deixar um trato pastoril amado
pela ingrata, civil correspondência,
ou desconhece um rosto de violência,
ou, do trato à paz, não tem provado.

que bem é ver nos campos transladado
no caráter do pastor, o da inocência!
e que mal é no trato e, na aparência,
olhar sempre um cortesão dissimulado!

ali respira amor e muita sinceridade,
aqui sempre: traição o rosto encobre,
um só trata mentira, outro a verdade.

ali não existirá fortuna que soçobre,
aqui, quanto se observa, é variedade,
oh ventura do rico! Oh amor do pobre!

65. ASPECTO E VOZ DE PEREGRINO

Formoso ou, manso gado, que pascendo
a relva andais por entre verde prado,
como venturoso rebanho ou feliz gado,
que à bela Antandra, vais obedecendo;

já de Corino, até os ecos percebendo,
a frente levantais, até ouvis parado,
e já de Alcino, pelo canto levantado,
pouco e pouco, vos fostes recolhendo,

eu, o mísero Alfeu, pelo meu destino,
lamento as sem razões de desventuras
a seguir vos, também hoje me inclino:

medi meu rosto e senti minha ternura,
porque um aspecto e voz de peregrino
sempre faz uma novidade na espessura.

66. OH, GENTIL PASTORA

Deixa, que por um pouco aquele monte
ouve a glória, que meu peito assiste:
porque nem sempre lastimoso e triste
hei de chorar, na margem desta fonte.

agora que nem sombra há no horizonte,
nem mesmo um álamo ao Zéfiro resiste,
e àquela hora ditosa em que me viste
na posse de meu bem, deixa que conte.

mas que modo, que acento, e harmonia
bastante pode ser oh, gentil pastora,
para explicar seus afetos de alegria!

que hei de dizer se a alma que adora,
apenas acostuada às vozes da agonia,
a frase do raro prazer, ainda ignora!

67. NO SILÊNCIO DA NOITE

Toda a mortal fadiga agora adormecia
no silêncio em que a noite convidava,
e em nada o sono suavíssimo alterava
na mais muda confusão da sombra fria,

só Fido que, de amor por Lise, ardia,
mesmo no sossego maior não repousava;
sentindo o mal, com lágrimas culpava
a sorte torta, porque dela se partia.

vê Fido que seu bem lhe nega a sorte;
o querer enternece-na, é inútil arte;
e fazer o que ela quer é rigor forte:

mas de dom entre as penas se reparte,
que à Lise vive a alma, vida à morte:
é que uma parte alente a outra parte.

68. SÓ ME LEMBRO DE NISE

Aquela cinta azul, que o céu estende
à nossa mão esquerda, e aquele grito,
com que toda a noite um corvo aflito
dizendo não sei quê e não se entende;

levantar me dum sonho, quando atende
ao meu ouvido um tão mísero conflito,
a tempo, em que o voraz lobo maldito
já à minha ovelha mais mimosa ofende;

ao encontrar a dormir tão preguiçoso
Melampo, o meu fiel, que pela manada
sempre desperto está, sempre ansioso;

queira Deus, que minta a sorte irada:
porém de tão triste agouro cuidadoso
só me lembro de Nise, e de mais nada.

69. O MEU DESTINO

Hei Corino, vai buscar aquela ovelha,
que grita lá no campo, e dormiu fora,
anda, acorda pastor, já sai a aurora,
como vem tão risonha, e tão vermelha!

Já perdi num outro tempo uma parelha
por respeito, queira Deus, que agora
não se me vá ainda esta outra embora,
já que não escutas quem te aconselha,

nossa, que sono será este tão pesado!
nada responde, nada mesmo diz Corino:
ora, em que mãos está meu pobre gado!

mas ai de mim! por tão cego desatino,
como te hei de acusar, de descuidado,
se toda a culpa tua, é o meu destino!

70. TÃO DESCUIDADO

Ai de mim! como estou tão descuidado!
como do meu rebanho assim me esqueço,
que vendo trasmalhar no mato espesso,
em lugar de o tornar eu fico pasmado!

escuto o rumor que faz um desaforado,
o lobo vem nos redis, ouço o sucesso
das ovelhas, do pastor, e desconheço
não menos, que ao dono, o mesmo gado:

da fonte dos meus olhos nunca enxuta,
à corrente fatal, permaneço indeciso,
ao ver quanto em meu dano se executa,

e um pouco somente meu pesar suavizo,
quando, em serras, meu mal se escuta;
que triste alívio! Ah infeliz Daliso!

71. SONORA CORRENTE

Tu, sonora corrente, bela fonte pura,
testemunha sempre fiel da minha pena,
sabe que sempre dura, ingrata Almena,
e contra o meu rendimento se conjura,

aqui, me manda estar nesta espessura,
ouvindo a tão triste voz da Filomena,
bem que este martírio hoje me ordena,
que jamais espero ter melhor ventura,

veio a doar me somente uma esperança
nova ideia do ímpio ódio, pois sabia
que o rigor não assusta nem me cansa,

vendo a tanto crescer a minha porfia,
quis mudar de tormento, por vingança
foi buscar, no favor, a rude tirania.

72. QUANTO MAIS RICO MAIS POBRE

Sonha pelas torrentes o que abrasado
na sua sede está, sonha numa riqueza
aquele, que no horror de uma pobreza
anda sempre infeliz, e sempre vexado:

tão assim na agitação de meu cuidado
por contínuo delírio esta alma presa
quando é tudo rigor ou tudo aspereza,
me finjo no prazer de um doce estado,

ao despertar também a louca fantasia
do enfermo e do mendigo, se descobre
do torpe engano seu pela imagem fria,

que importa se a ideia alívios cobre,
ou se apesar desta ingrata aleivosia,
quanto mais rico mais eu estou pobre.

73. FERE MEU PEITO

Não vês, Nise, o tal vento desabrido,
que leva duros troncos? Não vês esta,
que vem cobrindo céu, sombra funesta,
entre horror dum relâmpago incendiado?

Não vês a cada instante o ar partido
dessas linhas de fogo? E tudo cresta,
tudo consome, tudo arrasa, e infesta,
o raio a cada bom instante despedido.

Ah! não temas um estrago, que ameaça
a tormenta brutal, que o Céu destina
vejas mais feia, mais cruel desgraça,

fere meu peito, já que és tão ferina,
verás a tempestade, que em mim passa,
conhecerás então, o que é dura ruína.

74. TOCAR TODO O CAMINHANTE

Apressa se a tocar todo o caminhante
e o pouso que lhe marca a luz do dia,
da sua renascida esperança se confia
até a entrar, num porto, o navegante;

nem aquele sem um termo passa avante
nesta longa, duvidosa ou incerta via,
nem este, atravessando a região fria,
vai levando sem rumo o curso errante,

depois que breve tempo tiver passado,
mais um se verá sobre a segura areia,
e chegará um outro ao sítio desejado:

e eu só, tendo de penas a alma cheia,
não tenho que esperar, o meu cuidado
faz nova ideia girar e não se receia.

75. INSPIRA A IMAGINAÇÃO

Inspira a imaginação de um bem amado,
que nele se modifique o peito amante,
daqui vem que a minha alma delirante
se não diferencia, já do meu cuidado.

sempre nesta doce loucura arrebatado
Anarda cuido ver, e bem que distante,
mas ao passo que a busco no instante
me vejo ainda no meu mal desenganado.

pois se, em mim vive, e eu nela vivo,
e por força de sua ideia me converto
na bela motivação por meu fogo ativo,

como nas tristes lágrimas, que verto,
ao querer contrastar o gênio esquivo,
tão longe dela eu estou, e tão perto.

76. SENTIDÍSSIMOS GEMIDOS

Ai, Nise amada! se este meu tormento,
se estes meus: sentidíssimos gemidos
lá no teu peito, lá nos teus ouvidos,
achar pudessem, o brando acolhimento,

como alegre em servir-te como atento
os meus votos, tributara agradecidos!
pelos séculos de males, bem sofridos,
até trocara todo o meu contentamento.

Mas se, na incontrastável pedra dura
de teu rigor, não há correspondência,
para os doces afetos de mais ternura,

cesse dos meus suspiros, a veemência,
que é fazer mais soberba a formosura,
como é adorar o rigor da resistência.

77. MÍSERIA LEMBRANÇA

Não se passa meu bem, em noite e dia
uma hora só, em que mísera lembrança
não te esteja já presente na mudança,
que fez, para meu mal, minha alegria.

tendo mil imagens, debuxa a fantasia,
com que me atormenta e mais me cansa:
pois se tão longe estou da esperança,
que alívio já pode dar me tal porfia!

tão tirano foi comigo o fado ingrato,
que crendo, em te roubar, na vitória,
me deixou para sempre, o teu retrato,

eu que me alegrara da passada glória,
se quando me faltou o teu doce trato,
me faltara, também dele, uma memória.

78. CONSTANTE PELA BRANDURA

Se os poucos dias, que vivi contente,
foram suficientes para o meu cuidado,
o que pode vir a um pobre desgraçado,
que a ideia deste mal não acrescente!

aquele mesmo bem, que já me consente,
talvez propício, por meu tirano fado,
esse mesmo me fala, que o meu estado
já se há de mudar em outro diferente.

leve pois a fortuna, os seus favores,
e eu os desprezo já porque é loucura
comprar, a tanto preço, minhas dores:

se quer que não venha a sorte escura,
ou saiba ser mais firme, nos rigores,
ou saiba ser constante pela brandura.

79. DIVIDIDO DE TEUS OLHOS

Quando, oh formosa Nise, eu dividido
de teus olhos, estou nesta distância,
pinta saudade à força de minha ânsia,
perante a memória dum prazer perdido,

lamenta mais o pensamento amortecido
a tua ingrata e pérfida inconstância,
e quanto observa, é só vil jactância
dum fado, que troféus tem conseguido,

onde a dita está? E onde o seu gosto?
onde o contentamento? Onde a alegria,
que fecundava teu raro e lindo rosto?

tudo eu deixei, oh, Nise, aquele dia,
em que deixando tudo, o meu desgosto
somente me seguiu por rude companhia.

80. UMA BRILHANTE ARQUITETURA

Breves horas, Amor, há que eu gozava
dessa glória que minha alma apetecia,
e sem desconfiar da astuta aleivosia,
o teu lisonjeiro obséquio acreditava.

então eu só à minha dita me igualava,
porque assim avultava, assim crescia,
que nas cenas, que então me oferecia,
o maior gosto, e o maior bem lograva,

fugiu, faltou-me bem: já descomposta
da vaidade uma brilhante arquitetura,
e vê-se a ruína ao desengano exposta,

que ligeira terminou, que mal segura!
Mas que devo estranhar, estava posta
minha esperança em mãos da formosura!

81. QUE ESPERANÇA ME ASSEGURA!

Quem chora ausente, aquela formosura,
em que este seu maior gosto deposita,
e que bem pode gozar a sorte ou dita,
que não seja torpe, triste ou escura!

a apagar os vis incêndios da loucura
em elos da esperança, amor me incita:
se era, a que perdi, glória infinita,
uma igual, que esperança me assegura!

já de tanto delírio, assim me despeço;
já que, o meu precipício, encaminhado,
pela mão deste grave engano reconheço.

triste! A quanto chegou um duro fado!
se de um fingido bem não faço apreço,
que alívio posso dar, ao meu cuidado!

82. A ESPERANÇA ERRANTE

A cada instante, Amor, cada instante
no duvidoso mar de meu pouco cuidado
eu sinto de novo um mal, e desmaiado
deixo aos ventos a esperança errante,

por entre sombra fúnebre, e distante
rompe um vulto do alívio mal formado,
ora aparece mais claramente debuxado,
ora mais frágil e ora mais constante.

corre um desejo ao vê-lo descoberto,
logo aos olhos bem longe se afigura,
o que se imaginava muito mais perto,

e faz-se parcial da dita desventura,
porque nem permanece num dano certo,
nem a glória tão pouco, está segura.

83. ENCANTOS DA BELEZA

Os olhos tendo posto, e o pensamento
no rumo e que demanda, mais distante,
ali as ondas batem o grego navegante
entregue leme ao mar e vela ao vento,

em vão se esforça, harmonioso acento
da sereia que habita o golfo errante,
que resistindo ao espírito constante,
tira as lisonjas do enganoso intento.

se pois ninfas gentis rompe a Cupido
o arco, flecha, dardo, e chama acesa
do peito entre os heróis esclarecido,

que vem buscar comigo néscia empresa,
se inda mais do que Ulisses atrevido,
também sei vencer encantos da beleza!

84. MINHA MAIS SINCERA FÉ

Ou já sobre o teu cajado te reclines,
venturoso pastor, ou já vais tomando
à serra onde as cabras vais chamando,
onde fugir os meus ais te determines,

lá eu te quero seguir, onde examines
mais vivamente um coração tão brando,
pois gosta de ouvir-te, ainda quando
mais sem nexo me fales mais crimines.

O que fiz eu pastor? Em que condenas
minha mais sincera fé, meu amor puro?
As provas que te dei, serão pequenas?

Queres ver que o monte áspero e duro
sabe que és causa tu de minhas penas?
pergunta-lhe, ouvirás, o que te juro.